

OS DRAGÕES DO RIO GRANDE

Felipe Pereira Barbosa¹

RESUMO

Esta pequena síntese histórica pretende resgatar parte da gloriosa história dos Dragões do Rio Grande, e todo o seu épico envolvimento com a defesa e manutenção das nossas fronteiras e integridade territorial e institucional; bem como traçar o paralelo entre a evolução desta tropa e a gênese sociocultural da sociedade sulriograndense.

PARA ALÉM DE TORDESILHAS

“As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro. Queremos as ricas campinas do oeste e as grandes planícies do sul! [...] Pelos campos do Rio Pardo iam entrando na direção do poente, demandando as Missões. Ou desciam costeando as grandes lagoas, rumo do Prata. E em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, arachanes, caaguas, guaranis e guaranás. A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira.” (VERÍSSIMO, 2004).

Desde meados do século XVI os paulistas organizaram as chamadas entradas e bandeiras e adentraram o interior do continente, penetrando além de Tordesilhas. Em geral, uma entrada era uma expedição patrocinada pelo governo, enquanto uma bandeira era organizada por particulares. Muitas foram as finalidades das bandeiras: o aprisionamento de indígenas, o sertanismo de contrato, e a busca por metais preciosos. Dentre estes metais será dado maior atenção à prata, abundante na América Espanhola. Este metal raro era retirado das minas de Potosí e escoado pelo Rio da Prata até a Europa.

No início da colonização os espanhóis estavam mais interessados nas regiões mineradoras dos atuais México e Peru. Na região do Prata esforçaram-se para estabelecer uma colônia permanente, mas a falta de incentivos e alimentos e o constante ataque de indígenas legou à Buenos Aires um papel periférico na América Espanhola por mais de um século. Entretanto a Espanha encontrou um meio para fazer-se presente na região: a Companhia de Jesus, que tinha a missão de levar o Evangelho aos nativos e propagar a fé cristã,

¹ Capitão de Cavalaria. Instrutor na EASA.

abalada pela ascensão do protestantismo na Europa. Os jesuítas, contudo, não combatiam apenas pela fé, mas também pela Coroa Espanhola, à qual deviam obediência e pagavam impostos. Chegaram a ser importante braço armado para conter rebeliões e conter a expansão portuguesa. Os bandeirantes paulistas, que seguiam geralmente o fluxo do Paranapanema e do Uruguai, foram atraídos por estes redutos, verdadeiras cidades, por conterem gado, metalurgia e principalmente mão-de-obra escrava de qualidade. Os guaranis disciplinados na fé cristã eram muito melhores no trabalho servil que os tapuias e outros índios arredios. O apresamento indígena aumentou com o período da dominação holandesa, pois a armada batava cortou o fluxo dos navios negreiros vindos da África.

Os portugueses já exploravam a região do estuário do Prata desde o século XVI. Em 1530 a expedição exploradora de Martim Afonso de Sousa foi incumbida de procurar metais, povoar a terra, organizá-la e defendê-la, além de sistematizar a exploração econômica. Martim Afonso de Sousa chegou até a foz do Rio da Prata onde colocou marcos de posse na região da margem oeste do rio.

Em 1679, novamente os portugueses interessaram-se pela região, e Dom Manuel Lobo recebeu a missão de fundar uma fortificação portuguesa com o nome de Colônia do Santíssimo Sacramento, na margem oposta à Buenos Aires. Os espanhóis reagiram e Colônia só passaria novamente ao domínio português com o Tratado Provisional de Lisboa (1681) que garantiu a posse com a condição de não poderem ampliar as estruturas e caracterizar uma ocupação permanente. Portugal manteve este posto até 1705 quando os espanhóis a tomaram. A colônia de Sacramento era de extrema importância para os lusitanos, não só militar, mas econômica e estratégica; pois garantiria um intercâmbio mercantil e representaria um marco fronteiriço que asseguraria alcançar por terra o Rio da Prata.

A partir de 1715 os portugueses intensificaram os postos avançados que integravam o cone-sul às capitanias de Santa Catarina e São Paulo. Os espanhóis em contrapartida passaram a dar um apoio maior aos estabelecimentos jesuítas. Atacaram e conquistaram Montevidéu (estabelecido pelos portugueses em 1723), e passaram a povoar o interior do atual Uruguai para isolar por terra os caminhos que levavam à Colônia de Sacramento. A intensificação destas medidas levou a uma crescente tensão na região, tendo como estopim um acidente diplomático ocorrido em 1735. Foi o pretexto para os espanhóis novamente atacarem e cercarem Sacramento. Desta vez, porém, os portugueses estavam decididos a responder aos ataques na mesma medida.

OS 37 DE SILVA PAIS

Nos fluxos e refluxos de nossas fronteiras, pelos nossos embates com os filhos de Castela, estes jamais conseguiram transpor as barreiras do Jacuí, em cujas margens se alteava, como um desafio, a tranqueira do Rio Pardo – reduto invencível das armas brasileiras (SOUZA DOCA, Apud PARANHOS ANTUNES, 1954)

A Coroa portuguesa destacou uma pequena esquadra (três galeras, uma bergantim, uma balandra e uma corvetinha) sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Luiz de Abreu Prego para levar tropas terrestres, lideradas pelo brigadeiro Silva Pais, à região em questão. Partiram com as seguintes ordens: levar auxílio à Colônia de Sacramento, tomar Montevidéu, derrotar as naus espanholas fundeadas diante do porto de Buenos Aires e, posteriormente assaltar e incendiar Buenos Aires.

O principal motivo do fracasso da expedição deveu-se à não observância do princípio de unidade de comando. Prego não quis ouvir nem atender às ordens do brigadeiro. Restava então cumprir a última missão que recebera: ocupar o Rio Grande. Em sua ida, Silva Pais já havia prudentemente

feito o reconhecimento de uma porção de terra em frente à barra do Rio Grande. Ao passar por Santa Catarina Silva Pais recomendou ao coronel Cristovão Pereira que ao invés de ir para Montevidéu, ocupasse o canal do Rio Grande e esperasse a sua esquadra chegar. A missão do coronel, entretanto foi árdua: proteger-se do ataque dos castelhanos que andavam por aquelas plagas, e das hordas de guerreiros Tapes, indígenas muito hostis. Aliviados ficaram os homens quando em 19 de fevereiro de 1737 as tropas de Silva Pais chegaram a Rio Grande. Silva Pais, que além de militar era arquiteto e engenheiro especialista em fortificações, tratou de prover o povoado de eficientes sistemas de defesa e fortificações bem estruturadas. Com espírito empreendedor batalhava incansavelmente para torná-lo próspero.

Os trinta e sete dragões, que chegaram com Silva Pais, seriam a gênese do futuro regimento. A estes somaram-se posteriormente outros vindos de várias partes da colônia: Bahia, Santa Catarina, Rio de Janeiro. A intenção era que este regimento fosse formado na Colônia de Sacramento, mas vários fatores dificultaram que fosse formado ali: a falta de cavalos, a falta de pastagens, o armistício e a impossibilidade de estender para o interior suas movimentações. Gomes Freire de Andrade decidiu que o novo regimento fosse organizado no Rio Grande. Ainda em 1737 organizou-se a primeira companhia de Dragões, sob o comando do capitão Francisco Pinto Bandeira. Já em 1739 assume o comando o coronel Diogo Osório Cardoso, disposto a engrandecer cada vez mais o presídio militar. A situação, todavia não foi favorável para o exercício de sua liderança. Houve pouco apoio da Corte, escassez de gêneros alimentícios, soldo miserável, uniformes maltrapilhos, ameaça constante de castelhanos e índios. Nestas condições Diogo Osório teve que tomar medidas enérgicas para manter a ordem e a disciplina dos Dragões, e evitar possíveis deserções. O descontentamento foi crescendo na medida em que as coisas iam ficando

insustentáveis. O ano de 1742 iniciou em clima de revolta e os dragões deflagraram um movimento para fazer valer seus direitos. Com espírito conciliador e habilidade Diogo Osório soube contornar a situação e interceder junto ao Vice-Rei. Tudo se acalmou quando Silva Pais aportou trazendo notícias de anistia e carregamento de víveres.

GUERRAS GUARANÍTICAS

O descanso da pátria: o campo e as armas
Fizeram renovar no ínclito peito
Todo o heróico valor dos teus passados.
Os últimos que em campo se mostraram
Foram fortes Dragões de duros peitos,
Prontos para dous gêneros de guerra,
Que pelejam a pé sobre as montanhas,
Quando o pede o terreno; e quando o pede
Erguem nuvens de pó por todo o campo
Co' tropel dos magnânimos cavalos.
(GAMA, 2009.)

A década de 1740 foi marcada por incessantes disputas territoriais entre Espanha e Portugal. Na prática, o Tratado de Tordesilhas há muito não era respeitado. Houve necessidade de criar um novo acordo que colocasse os marcos divisórios em acidentes geográficos nítidos do terreno, como rios e montes; e não mais as linhas convencionais. Foi emprestado do direito privado romano o princípio do *uti possidetis*, onde o detentor de fato da terra seria quem a ocupasse. Após algumas negociações em 1750, enfim foi firmado o Tratado de Madri. Segundo este tratado Portugal se comprometia a ceder a Colônia de Sacramento e a Espanha os Sete Povos das Missões, reduto jesuítico situado a noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul. O marco divisório oeste desta vez era bem claro, o rio Uruguai. Evidentemente este tratado descontentou os jesuítas.

Com o escopo de fazer valer o Tratado e pela necessidade de apoiar os trabalhos das comissões demarcadoras dos limites impostos pelo Tratado de Madri os dragões foram transferidos para um lugar

mais estratégico. O sítio escolhido ficava em uma posição privilegiada entre os rios Jacuí e Pardo. Em 1751 foi fundado o Regimento de Dragões do Rio Pardo, na atual cidade de Rio Pardo. Criou-se também a Fortaleza Jesus Maria José, que haveria de ficar conhecida com o egrégio nome de Tranqueira Invicta, por permanecer incólume e inexpugnável em todas as tentativas de tomada.

Data desta mesma época a ascensão de um déspota esclarecido, Marquês de Pombal, como novo homem forte de Portugal. Decidido a renovar Portugal nos campos econômico e social e extendê-las à colônia americana. No campo religioso estava decidido a expulsar os jesuítas de todos os territórios sob domínio da Coroa Portuguesa. Contudo nem os jesuítas, nem os silvícolas haveriam de se entregar tão facilmente. Resistiram ardorosamente às comissões demarcadoras ibéricas, e infligiram resistência organizada.

A esta série de conflitos foi dado o nome de guerras guaraníticas e duraram cerca de três anos, no período compreendido entre 1754 e 1756. Foi um conflito violento marcado pela revolta dos indígenas em abandonar suas terras e migrar para a outra margem do rio Uruguai. Portugueses e espanhóis se uniram para fazerem cumprir o Tratado de Madri. Enquanto os castelhanos partiram de Buenos Aires, os portugueses sob comando do general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, seguiram o fluxo do rio Jacuí.

As forças expedicionárias lusitanas empregadas eram compostas de várias tropas diferentes: granadeiros, artilheiros, tropas do Rio de Janeiro, aventureiros paulistas e principalmente dragões. O regimento dos dragões do rio Pardo levou um efetivo de 420 homens e 70 escravos sob o comando do coronel Tomaz Luiz Osório, tio-bisavô do grande general Manoel Luiz Osório.

De todos os embates da campanha guaranítica, pode-se destacar a Batalha de Caiboaté. Esta sangrenta batalha colocou frente a frente as tropas indígenas lideradas por Sepé Tiaraju e as tropas por-

tuguesas, onde teve destacada participação o coronel Tomaz Osório, comandando uma Companhia de Granadeiros, três Esquadrões de Dragões e duas peças de artilharia. O coronel inclusive chegou a ser ferido em combate, levando três flechadas indígenas (duas no braço direito e uma nas costas). Do lado dos silvícolas houve 1500 perdas humanas (inclusive Sepé Tiaraju) e foram feitos 154 prisioneiros. Mais afortunados foram as tropas ibéricas que contabilizaram quatro mortos e 40 feridos. Este verdadeiro massacre marcou o encerramento da resistência indígena e o início da povoação do interior do Rio Grande do Sul. Nasceram então as condições socioeconômicas que perdurariam cerca de dois séculos. Homens de São Paulo, Rio de Janeiro, Laguna e Sacramento, que de início eram apenas simples tropeiros, foram os primeiros estancieiros, enquanto aqueles índios civilizados que passaram a vagar por aquelas terras seriam os primeiros peões. A abundante presença de gado oriundo das Missões e a riqueza de pastagens da Campanha fez prosperar o comércio de gado, animais de carga, charque, couro e sebo. Este comércio fez crescer o intercâmbio com as regiões de São Paulo e Minas Gerais. Em torno das estâncias e dos vários interpostos tropeiros compreendidos no caminho entre a campanha e regiões do sudeste floresceram povoados, vilas e cidades. Conforme a região prosperava, crescia a cobiça e a pilhagem. O Rio Grande precisava de uma tropa para colocar ordem e impor respeito. O Rio Grande precisava dos Dragões.

TEMPOS DE INCERTEZA

“Por esse tempo muito povo descia para o Continente, cujas terras e gados seriam de quem primeiro chegasse. Homens da Laguna, de São Paulo, das Minas Gerais e do planalto curitibano desciam pelos caminhos das tropas. Muitos navegavam os rios em busca de ouro e prata. Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras. Ladrões de gado aos poucos iam virando estancieiros. Nas-

ciam povoados nos vales e nas margens daqueles muitos rios. As campinas andavam infestadas de aventureiros, fugitivos do Presídio e da Colônia do Sacramento, homens sem lei e sem pátria, homens às vezes sem nome.”(VERÍSSIMO, 2004).

Nos primeiros anos após a campanha contra os jesuítas aquelas pastagens continuavam sendo disputadas. Não raramente os castelhanos cruzavam o rio Uruguai para roubar gado e outros artigos de interesse. O Marquês de Pombal não havia desistido de recuperar a Colônia de Sacramento, e a situação colonial refletia toda a agitação na Europa. Em 1761 foi assinado o Primeiro Tratado de El Pardo que anulava o Tratado de Madri. A situação caminhava novamente para um conflito, culminando com a invasão espanhola ocorrida entre 1763-1776. Os castelhanos conquistaram rapidamente Santa Tereza, Rio Grande e São José do Norte, em episódios pouco esclarecidos envolvendo a entrega da Fortaleza e o abandono das vilas. A heroica Rio Pardo com sua fortaleza Jesus Maria José torna-se então a capital do continente de São Pedro.

Coube ao capitão Rafael Pinto Bandeira salvar a honra dos dragões naquele fatídico ano de 1763. O capitão, além de derrotar uma tropa castelhana composta de tropas correntinas e dois mil índios, ainda retomou a Fortaleza de Santa Tereza e a Vila do Rio Grande. Em 1773, os castelhanos iniciaram a construção de uma fortaleza em lugar extremamente estratégico para reiniciar a invasão. O Forte de Santa Tecla, nas proximidades da atual Bagé, tornando uma constante ameaça para a Coroa Portuguesa. Em 1776 após 26 dias de cerco Rafael Pinto Bandeira conseguiu a rendição dos castelhanos e posteriormente incendiou e arrasou a fortaleza.

Com o objetivo de encerrar as hostilidades entre Portugal e Espanha nas colônias americanas foi firmado em 1777 o Tratado de Santo Ildefonso, sendo também um fracasso de demarcação. Enorme foi a insatisfação portuguesa pois o tratado anexava à Espanha grande extensão de terras até

então ocupada por gente de origem portuguesa.

Em 1790 os dragões estavam distribuídos em Rio Pardo (grosso da tropa), Rio Grande e Porto Alegre. A influência social dos dragões era tamanha que desde os oficiais até os soldados eram vistos pela população como audazes, fortes, guerreiros, gentis e educados. Casaram-se com moças das principais famílias da região. O prestígio dos militares era naturalmente o mais representativo que havia na região, por estes serem um paradigma da manutenção e defesa daquelas terras. Sua influência foi definitiva na constituição da sociedade riograndense.

1801 foi um ano de mudanças. Na Europa Napoleão Bonaparte declara guerra à Europa e tem a Espanha como aliada. Como Portugal decide permanecer aliado aos ingleses, a Espanha declara guerra aos lusitanos. Era o estopim para os riograndenses reconquistarem os territórios perdidos pelo Tratado de Santo Ildefonso. Sob o comando do coronel Patrício José Correa da Câmara, o Regimento de Dragões partiu para reconquistar os Sete Povos das Missões e retomar o Forte de Santa Tecla (em 1778 havia sido reconstruído devido à sua importância estratégica). Neste mesmo ano foi firmado o Tratado de Badajós. Pelo acordo, Sacramento voltava a pertencer aos castelhanos, e como nada havia sido mencionado sobre os Sete Povos, a região permaneceu sob domínio da Coroa Portuguesa.

Em 1811, as províncias que compunham o Vice-Reino do Prata trataram de tornar-se independentes da Espanha. O governador de Montevideu, entretanto, manteve-se fiel à Coroa espanhola. Portugal organizou o Exército de Observação na Capitania do Rio Grande, ao comando de D. Diogo de Souza, com a finalidade de prevenir os reflexos das lutas. O governador de Montevideu sitiado por tropas argentinas e orientais de Artigas, pede socorro a D. João VI. O monarca determina a invasão da Banda Oriental (atual Uruguai) pelo Exército de Observação, agora transformado em Exér-

cito de Pacificação da Banda Oriental. Os regimentos de dragões e de milícias de Rio Pardo, ao comando do coronel Thomaz da Costa partem em direção a Montevideu, mas devido a um armistício entre orientais e argentinos ele retorna ao Rio Grande, onde permanece a ameaça das tropas de Artigas, que combatem em forma de emboscadas e guerrilhas. Os acampamentos de suas tropas viriam a ser as futuras cidades de Alegrete, Uruguaiana, Livramento, Quarai, Bagé, Rosário do Sul e Dom Pedrito. Também doou muitas sesmarias a militares que dela participaram. E, assim, povoou as terras sulriograndenses com lideranças capazes de desenvolvê-las e defendê-las militarmente, sempre que necessário.

Entre 1816 e 1820 houve a campanha contra Artigas que opôs os orientais de Artigas e o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. O conflito foi motivado pelo constante desrespeito e invasão das nossas fronteiras por parte dos homens de Artigas. O caudilho oriental se levantara para fazer a independência do Uruguai. O Regimento de Dragões comandado pelo coronel Sebastião Barreto Pereira Pinto teve atuação direta e decisiva, tanto nas tropas de linha quanto na formação e instrução das milícias.

A guerra foi composta de duas campanhas. Na primeira os luso-brasileiros entraram no Uruguai sem encontrar reais resistências. Na segunda tiveram que libertar a região dos Sete Povos que havia sido invadida por Artigas. A campanha encerrou-se com a anexação da Banda Oriental do Uruguai ao Brasil com o nome de Província Cisplatina.

DA CISPLATINA À GUERRA DOS FARRAPOS

Todos esses grandes nomes, essas organizações perfeitas de heróis assinalados, partem, no Rio Grande do Sul, de um mesmo núcleo: dessa tarimba em que lhes morreram os pais, crivados de cicatrizes, sobrecarregados de glória; dessa tarimba comum do Regimento de

Dragões do Rio Pardo. (PORTO, apud PARANHOS ANTUNES, 1954)

Por ocasião da independência brasileira, o Regimento de Dragões participou das operações contra portugueses que se revoltaram contra a proclamação. Com o escopo da criação de um exército nacional recebe a denominação de 5º Regimento de Cavalaria, permanecendo na cidade de Rio Pardo.

A independência do Brasil trouxe também o aumento das pretensões argentinas de recuperar a Cisplatina às Províncias Unidas do Prata. Alguns orientais se levantaram contra a dominação brasileira, como Lavalleja e Rivera, que em 1825 proclamaram a independência da região, anexando às Províncias do Prata, futura Argentina. Em resposta ao ultraje, o Império brasileiro declara guerra às Províncias Unidas, e D. Pedro I envia o bravo general José de Abreu para liderar a invasão à Cisplatina.

Nesta época o regimento teve insígnies militares incorporados. Podemos destacar Andrade Neves e Manoel Luiz Osório. Este último fora transferido para combater as tropas de Lavalleja, envolvendo-se de início junto com os dragões na batalha de Sarandi. A batalha teve a vitória das tropas de Lavalleja e Rivera, mas destaca-se aí um ato heroico do futuro patrono da Cavalaria: salvou a vida do Brigadeiro Bento Manuel, que o presenteou com sua lança de ébano.

A estratégia do Império foi fazer um bloqueio naval, pois tinha superioridade marítima, no estuário do Prata. Esta medida pressionou o inimigo a iniciar uma invasão por terra ao Brasil. Cerca de oito mil homens cruzaram as fronteiras com o objetivo de forçar o Brasil a retirar seu bloqueio. A invasão culminou com a maior batalha campal acontecida no Rio Grande do Sul: a Batalha de Passo do Rosário. O 5º Regimento participou com cerca de 300 soldados pouco instruídos, mas que honraram as tradições dos dragões do Rio Grande. Na ocasião estavam sob o comando do tenente coronel Felipe Nery de Oliveira, e enquadrado na divisão do brigadeiro Callado.

Em Passo do Rosário, uma massa de homens e cavalos de 10 esquadrões carregaram contra a divisão Callado. Dois dos esquadrões inimigos em movimentos desbordantes procuraram separar o 5º Regimento (que estava à retaguarda) do restante da tropa. Porém o ímpeto e a eficácia dos fogos fizeram com que o inimigo ficasse compelido a se retirar. O 5º Regimento de Cavalaria perseguiu o inimigo e, posteriormente, ficou incubido de prover a segurança na reorganização das tropas e na sua escolta até o acampamento na região do cacique. Após a batalha o 5º Regimento de Cavalaria incorporou-se à divisão de cavalaria do brigadeiro Sebastião Pereira Pinto e dirigiu-se ao acampamento de São Lourenço, quartel-general do comandante das forças imperiais, o Marquês de Barbacena. Participou, ainda, o 5º Regimento de Cavalaria em outros embates com menor importância tática.

Diversos fatores levaram os contendores a renunciar a suas conquistas, reconhecendo como Estado independente a Província Oriental, que passou a chamar-se República Oriental do Uruguai.

Em 1834 o regimento é transferido para Bagé e recebe a denominação de 2º Corpo de Cavalaria de Linha. Em 1835 eclode a Revolução Farroupilha, motivada pelo descaso do governo imperial para com os produtores

gaúchos. Em 1835 o regimento desloca-se para retomar a cidade de São Gabriel, em poder dos farrapos. No entanto, em 21 de março de 1836, um decreto dissolvia todos os regimentos a favor dos republicanos gaúchos, entre os quais o 2º Corpo de Cavalaria. O Regimento foi extinto nas proximidades do Passo do Batovi e seus integrantes leais ao Império distribuídos em outras unidades do Sul conforme a necessidade.

REFERÊNCIAS

FONTTES, C. Regimento Dragões do Rio Grande: Evolução Histórica do 4º Regimento de Cavalaria Blindado. São Luiz Gonzaga: Gráfica A Notícia, 2001.

GAMA, B. da. O Uruguai. São Paulo: Martin Claret, 2009.

LIMA, Cap L. B. Dragões do Rio Grande do Sul. São Luiz: Emp. Graf. Porto Seguro, 1937.

PARANHOS ANTUNES, Ten Cel D. de. Os Dragões do Rio Pardo. Rio de Janeiro: Bibliex, 1954

VERISSIMO, E. O Tempo e o Vento: O Continente I. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.